

13 de Abril de 2008

De Ballard (que fica para a próxima) ao esclarecimento (que se impõe)

1813

Voltarei, com toda a certeza, a James Graham Ballard. Ballard que pela primeira vez li em O Mundo Submerso, que só voltei a reencontrá-lo quando Steven Spielberg nos deu O Império do Sol e que, agora, reencontro no seu Milénio Negro. O profeta de Shepperton. Falar de Ballard é outra “tarefa” ([bem menos ligeira](#)) desde logo pelas imensas controvérsias geradas pelos “catalogadores” – tem sido um novelista de ficção científica ou tem sido um profeta? é um pessimista inveterado ou pior, é apocalíptico?... De permeio surgiram situações, factos, opiniões que, em minha apreciação, se tornaram prioritários no âmbito dos meus escritos nas últimas duas semanas.

1 - a crónica de António Barreto n’ O Público ([aqui](#)) sobre o livro “Holocausto em Angola” que não podia deixar sem registo. Os estudiosos, os intelectuais, os analistas sérios, tardiamente ([antes tarde que nunca!](#)), vão concluindo que ainda anda por aí um grupo de vermes de que destaco [Rosa Coutinho](#) que a existirem numa comunidade que se respeitasse teriam sido julgados por traição à Pátria ([disse Pátria](#)) e crimes contra a Humanidade ([disse crimes contra a Humanidade](#)) apesar do golpe estariam enjaulados, com pena perpétua ([bem sei que não existe “perpétua” na nossa moldura penal o que, no meu entender é pena - deveria existir para certo tipo de crimes](#)), há trinta e três anos.

O que acabo de afirmar conduz a

2 - no seguimento de uma diferença de opinião entre mim e o Joshuaquim do blog “[Palavrossaurus Rex](#)” no que respeita à indisponibilidade, ao meu desinteresse em estabelecer *linkagens* com O Público (entretanto o Expresso - [mais elitista, é certo! que gente fina é outra coisa - fez o mesmo: parceria por convite com uma dúzia de bloggers do mainstream político, mediático e analítico português](#)) que é como quem diz, com jornais - que pode ler [aqui](#), que o Joshuaquim comentou [aqui](#) e a que eu respondi também [aqui](#) resposta essa que como não poderia deixar de ser foi muito incipiente, ligeira. Foi mais o que ficou por dizer que aquilo que foi dito porém, hoje, o provedor do leitor d’O Público - Joaquim Vieira – ([que não nos leu](#)) em “Sensibilidade e Bom-Senso” também expõe algumas poucas das razões sensíveis que explicam essa minha indisponibilidade, mau-grado a factura que se paga em falha de visibilidade, notoriedade... chame-se-lhe o que se quiser.

Fiquemo-nos pela espuma do “problema” ([que não há](#)):

quem não tiver outro objectivo que o de, apenas e só, emitir a sua opinião a favor ou contra o que quer que seja, sem ter de dar satisfações a ninguém, expressá-las pela forma e com os termos que entenda adequados, não pode ([não deve!](#)) nunca augurar maior relevância, impacto, influência ali (nos jornais) que aqui na blogosfera ([para puristas que desconhecem apócopes, blogoesfera](#)). Se não sabem leiam o que escreve o Provedor mais... o Provedor, cinicamente, utiliza como argumentário as insurgências, os palpites, o desagrado, a sensibilidade de alguns “mui susceptíveis” leitores do jornal. Não fala dos interesses intrínsecos dos jornalistas, do interesse dos responsáveis redactoriais, dos accionistas, dos anunciantes, etc... E mais, estamos a falar d’ O Público que ([gostemos ou não](#)), na presente conjuntura e perante as actuais circunstâncias, tem o suficiente para me levar uns cêntimos por dia. Imagine-se o que não se poderia dizer do

Expresso ou pior ainda do Diário de Notícias ou do Jornal de Notícias ([para só citar estes exemplos](#)).

Bem! que quero dizer com isto? quero dizer-lhe que não teria oportunidade de chamar **verme** a uma série de **Rosa(s) Coutinho(s)** ou esclarecer que sou apólogo da pena perpétua para certo tipo de crimes (**muito, muito bem dilucidados**). Imagine se em torno da polémica levantada pelas palavras de Eduardo Águalusa sobre a indigência, a menoridade literária da poesia de **Agostinho Neto**, algum jornalista (**por mais fogo que quisesse pegar ao circo**), alguma vez publicaria a minha opinião [aqui](#) (o visado é um jornalista, **Artur Queiróz**, que por aí anda), [aqui](#) e [aqui](#).

Prove-me que é mais fácil viver em Liberdade que sem ela ou prove-me que o preço da independência não é muito mais oneroso que o da dependência!

7 votes

Escrito por David Oliveira em [13.4.08](#) _